

A ILLUSTRACÃO

DIRECTOR-PROPRIETÁRIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e números
avulsos : em Portugal, ao Sr. David Corazzi, 12, rua
da Atalaia, Lisboa ; e no Brasil, no Rio, José de
Mello, 28, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.

Prix du numéro à Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 13

PARIS 5 DE JULHO DE 1889

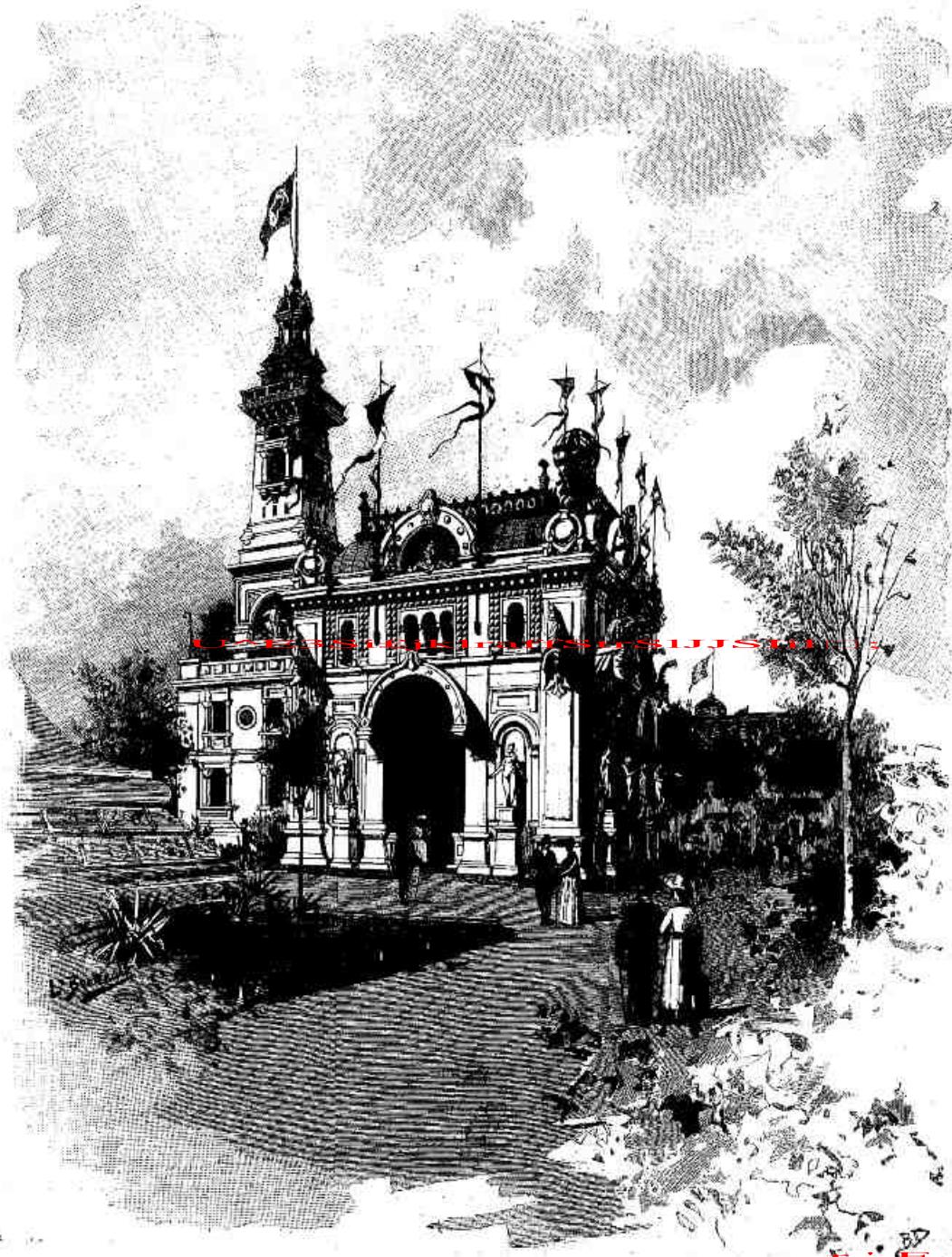
Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 28, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS

ANNO	PORTO	RS. MIL
ANNO PRESTO	PORTO	6.000,00
MENSALMENTE	CORTADO	—
ANNO OFICIO	PORTO	1.000,00
ANNO DE FEVEREIRO	RS. MIL	200



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O PAVILHÃO DO BRASIL, NO CAMPO DE MARTE.



CHRONICA

A TORRE EIFFEL

NESTE momento a nova sensação — a grande sensação do século — é subir á torre Eiffel.

Não ha parisiense, nem provincial, que não tenha marcado no seu *carnet* o dia em que ha de contemplar a humanidade, do alto d'esses 300 metros. Affirmam os jornais que a America do Norte se está despovoando, por que todos os americanos querem subir á torre. Os estrangeiros só pensam n'ello, ao preparam os suas malas para a peregrinação a Paris. E o príncipe de Galles, apesar desembocou em pleno boulevard, o seu primeiro cuidado foi conduzir sua esposa e seus filhos ao Campo de Marte, juntar-se nos ascensores, e transportá-los ao topo da torre, para verem Paris, e tudo o mais que lá de alto se abrange, n'um raio de noventa quilometros.

Já ninguém diz: — « Ver Nápoles, e depois morrer. » A phrase tem de ser alterada d'este modo:

— « Subir á torre e depois suicidar-sel... »

A hora em que lhes escrevo ainda não praticei a satisfação de me suicidar; — mas já subi á torre como toda a gente, para experimentar, esta nova sensação com que o sr. Eiffel acaba de brindar o gênero humano.

Devo dizer-lhes de passagem, que o illustre engenheiro já nos deu, a nós portugueses, sensação mais extraordinaria, quando construiu a famosa ponte Maria Pia, sobre o Douro. O que sente o touristo quando sobe á torre, é nada comparado com o que sente o individuo que pela primeira vez, dentro d'um wagon, atravessa o Douro sobre a ponte Maria Pia, a caminho do Porto.

Sobre a ponte, tem-se a extraordinaria impressão de que, cada vijante, depõe por alguns segundos a sua querida existencia nas mãos do sr. Eiffel. Ao meio da ponte, quem olha para baixo, para o rio e para os lados, para os pilares onde o grande arco assenta, comprehende que a sua vida está n'aquele momento absolutamente dependente dos cálculos do engenheiro. Em nenhuma outra ponte da Europa a impressão de perigo, de arrojo, de audacia e de maravilha de cálculo, tanto nos impressiona e nos commove, como aqui... .

Em quanto que a torre não nos oferece essa terrível e ao mesmo tempo deliciosa sensação de perigo; em nenhum momento nos deixa suspensos de espanto e de terror intimo; e não obstante ser o colosso que é, vista sozinha, e vista interiormente, parece-nos uma obra naturalissima, ficando-se apenas pasmado de que ha mais tempo ainda ninguem tivesse pensado construir um tão mediocre prodigio.

Dizem os entendidos que é esta uma das suas bellezas — ter sido tão bem delineada, que ao perto a sua construção muito pouco nos assombra. Mas saiam de Paris; vão ás alturas de Surennes, ou ás alturas de Saint-Germain; voltem-se para os lados do Arco do Triunfo; e verão então o monstro dominando o horizonte rasgando os ares, perdendo-se entre as nuvens

como se fôr a resurreição da legendaria torre de Babel, tal qual a vemos nas velhas gravuras do tempo de Alberto Durer.

É a uns dez ou vinte kilometros de Paris que é preciso vel-a, para enfiar o arrojo d'uma tal construção. Como só aquelles que a viram sair dos alicerces, chegou á primeira, á segunda, e á terceira plataforma, é que podem dizer que prodigios de habilidade executou o engenheiro, cujo nome se acha hoje tão esplendido pelo mundo, como o nome de Napoleão, de Victor Hugo, ou de Bismarck...

Ainda não posso esquecer a curiosidade com que Paris seguiu durante o anno de 1888 os progressos da torre Eiffel, — para não falar na sensação que causou no publico parisiense em 1887 o sumoso protesto dos artistas, contra semelhante construção que tinha por fim americanizar Paris, o Paris das glorioas tradições da Arte, protesto que trazia entre outras, as assinaturas de Melissonier, Dumas, Gounod, Copeé, etc.

O anno de 1887 e parte de 88 passou-se com os trabalhos dos alicerces e dos pilares. Quando a construção chegou á primeira plataforma (60 metros de altura) toda a gente aplaudiu o protesto dos artistas, ao qual só não deu ouvidos o sr. Eduardo Lockroy, então ministro do commercio. Toda a gente achava a construção horrorosa, indigna d'uma cidade como Paris, que conta Notre-Dame, Sainte-Chapelle, a torre de Saint-Jacques, Pantheon, Invalidos, Louvre e Arco de Triunfo. Toda a gente acusava o sr. Lockroy de permitir que se profanasse Paris com semelhante brutalidade de ferro!

Quando a torre chegou á segunda plataforma (120 metros de altura) deixando a perder de vista os mais elevados monumentos da Europa, e começando já a indicar a elegancia e a simplicidade das suas curvas, — os commentarios foram de outra natureza. Que até ali, bem tinha ido a obra; mas d'ali para cima é que começariam as dificuldades. Começaria a haver erros de calculo; a sentir-se a impossibilidade d'uma precisão mathematica nas peças que se deviam colocar uma sobre as outras; e a não se encontrar operarios que pudessem trabalhar aquella altura. E chegaram-se a fazer apostas em como a torre não sttingiria mesmo 200 metros. A isto, veio juntar-se a greve dos operarios que trabalhavam lá no alto. Suspenderam-se os trabalhos durante uma semana. E como por toda a parte ha gente cujo prazer consiste em ver faltar ou naufragar aquelles que tem grandes idéas e grandes concepções, — não faltou quem em Paris batesse as palmas diante da perspectiva d'um fiasco!...

Mas a torre lá foi subindo, subindo; e no dia 30 de março de 1889 atingiu os anuncidios 300 metros de altura, tendo consumido a bagatela de sete milhões e trezentos mil kilogrammas de ferro!...

Em cada um dos quatro pilares da torre ha ascensores para o primeiro e segundo andar. Do segundo para o terceiro andar ha um só ascensor vertical.

Os ascensores que partem do rez-do-chão tem dois andares, — duas caixas sobrepostas, com janelas, tendo rede de arame em vez de vidros, e ás portas sempre fechadas á chave, como nas carruagens cellulares...

O primeiro arranço da machine hydraulica que põe em movimento os elevadores, causa uma tal ou qual desconfiança entre os passageiros. Todos se olham com certa duvida; ha sorrisos amarelos entre os mais medrosos; e todos se calam, como que para dizerem intimamente: — « Aqui vamos, por obra e graça de Eiffel. Seja feita a sua vontade. Amen! »

De pois, um passageiro mais ousado espalha rede de arame; depois outro, e mais outro... As mulheres tambem se approximam para vêrem « como aquillo é ». — O ascensor sobe por entre uma delicada e complicadissima tela de ferro, como se fôr uma rede feita por creanças... creanças do paiz dos gigantes, por onde andou o bom Gulliver, antes da sua viagem ao paiz dos pygmeeus. Passou-se o 1.º andar: estamos a 100 metros de altura; lá em baixo os monstruosos palacios do Campo de Marte parecem construções de cartão, feitas por creanças... E o que é aquelle formigueiro que se arrasta e se alstra por todas as ruas dos jardins, pelos casas, pelas pontes?... Será possivel?... Será a famosa Humanidade, será gente, serão indíviduos como nós, aquillo que lá por baixo se move?!

Chegamos ao 2.º andar, — 150 metros de altura. Saímos do caixote, pomos pé em terra firme, ou antes... em torre firme. Parece que estamos no vasto terraço d'un palacio. E gente por toda a parte! Sem contar tres kiosques de jornaes e bedidas; uma pastellaria e padaria; um cabinet-toilette; e a redacção e a typographia do *Figaro*... Tudo isto — a 150 metros de altura!

E lá de cima todo o Campo de Marte nos parece um brinquedo de *babies*, — com os seus palacinhos para bonecas de palmo, com pavilhões onde só poderão entrar bonecos de chumbo, e pedaços de relva onde só poderão passar d'estas ovelhinhas de madeira que se compram ás caixas de duzia para dar de presente aos pequenitos!...

O 1.º andar é que é verdadeiramente assombroso, com a vastidão das suas galerias exteriores, tão largas como os passeios do Chiado, todas bordadas de kiosques; com a immensidate dos seus restaurantes e cervejarias, tão vastos, tão espaçosos, como qualquer restaurante dos grandes boulevards.

Todos os dias, á hora do almoço e do jantar, não se encontra uma mesa livre, porque todas foram marcadas com antecedencia. E um verdadeiro prazer, depois do café, é acender um charuto, e de lá do alto contemplar Paris, e principalmente a multidão humana que se arrasta como um formigueiro por todo o Campo de Marte e suas dependencias.

Há dias, num d'estes abandonos de philosopho, fui eu encontrar Marçal Pacheco, — charuto, tranquillo e mudo, feliz por su ver lá em cima, triste por pensar que havia de voltar cá para baixol...

E depois de varias considerações e de varias lamentações, só proprias de quem está a 100 metros acima do nível do sr. visconde de Melicio, — acabamos por convir em que uma ascenção á torre Eiffel é mais proveitosa ao Homem, como lição de sabedoria humana, do que toda a philosophia que se possa aprender na facultade de Coimbra.

E dizia-me Marçal Pacheco:

— Se nós mesmos d'aqui onde estamos, já nos vemos tão pequenos e tão ridiculos... como é que nos verá o bom do Padre Eterno?!

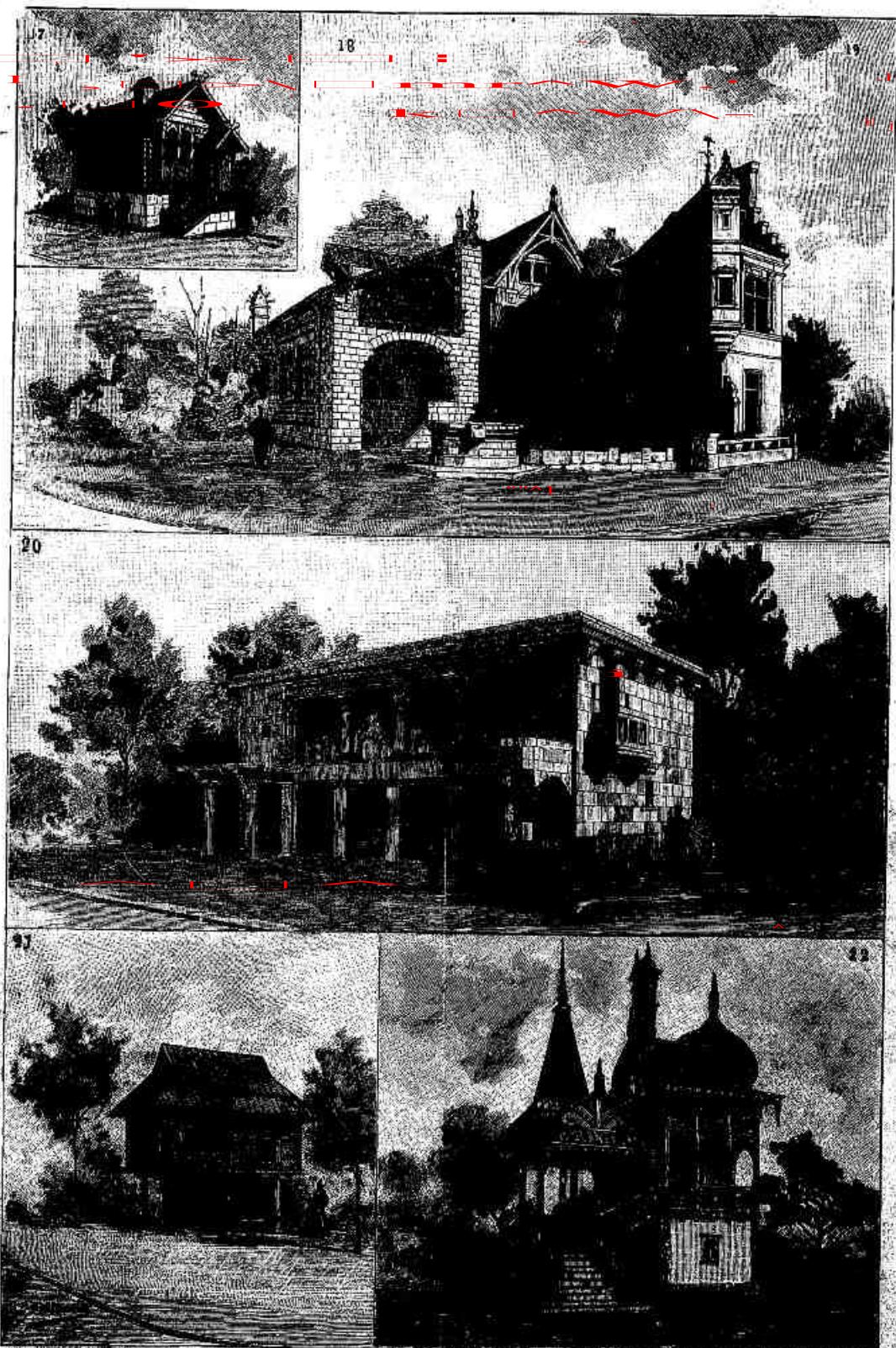
E ficámos invejando o Padre Eterno, se por acaso elle tem olhos para ver as nossas vaidades e ouvidos para ouvir as coisas comicas que a Humanidade muito a sério atira diariamente aos ventos.

Sem contar que nos démos *rendez-vous* para a primeira torre de 300 metros, que d'aqui a pouco ha-de pôr a um canto a torre Eiffel!...

MARIANO PINA.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — BUFFALO BILL'S COMPANY. — UN COMBATE ENTRE OS COWBOYS E OS INDIOS.



¹⁷ *Casa comunitária nos séculos XIV-XV*. — **II**: 10. **Oração ecclésial**: XI, XIV e XV. — C. 2. *Urgentes obrigações de justificação*, 22-31. **Habituais ecclésiales**: XIII. — 21. *Culto fáustico* do século XVI.

EXPOSICAO DE PARIS & J-A. MIKAWA LA HYUNDAI HUMMER

Continuado... JoHk-K numero de... WissenschSp. 3

A ILLUSTRAÇÃO

repetido, iluminação a luz eléctrica, a gás e a gírono, e sobre a qual domina a torre Eiffel, com o seu imenso foco de luz que se estende por toda a cidade.

E o phantastico aspecto d'uma dessas extraordinárias illuminações, que a nossa gravura procura hoje representar.

Apesar do lapis ser insuficiente perante uma tal maravilha e um tal deslumbramento, que só podem ser comprehendidos por aqueles que assistiram a tão assombroso espetáculo, — ainda assim procuramos dar uma ideia vagia da que são essas festas, aquelas que não podem ter a ventura de vir este anno a Paris. Sirva-lhe de alívio e de compênhise de desgraça, a nossa Ilustração...

O nosso desenhador escolheu por ponto de observação, o terraço do ministerio dos negócios estrangeiros, proximo da entrada da Exposição do lado da Esplanada dos Invalidos, entrada que se vê à direita, no primeiro plano da nossa gravura.

Ao fundo, à esquerda, o grande zimbório central do Campo de Marte; e mais para a direita, os dois zimbórios do Palácio das Belas Artes e do palácio das Artes Liberais. Em seguida, a torre Eiffel; em frente da torre, o palácio do Tricentário. E corta o quadro, à direita, o Sena, com as pontes illuminadas, e os bancos ornados de balões venezianos.

Estas illuminações tem produzido grande sensação entre parisienses e estrangeiros. E o efeito do torre Eiffel, cobrindo Paris de raios da sua eletricidade, tem deixado boquiabertos todos quanto vêm a torre da parte e da longe, — porque de todos os pontos, ou de dentro ou da fora de Paris, elle é maravilhosa d'audácia e de simplicidade.

Parece-nos que esta gravura está destinada a ser vista com muita curiosidade pelos nossos leitores, — e que elles nos hão de fazer justiça de que a Ilustração se não poupa a sacrifícios para oferecer ao público luso-brasileiro uma revista à altura das primeiras de Paris e de Londres.

AS BODAS DE PRATA DOS CONDES DE PARIS

Noi no dia 30 de maio que a cerimónia religiosa das bodas de prata dos condes de Paris se celebrou, às nove horas da manhã, na igreja católica de Kingston, sobre o Tamisa.

Este romantica cerimónia fez com que se reunissem em torno dos ilustres esposos, pais da rei. Duquesa de Bragança, muitas das pessoas que tinham assistido ao casamento celebrado há vinte e cinco anos, na mesma igreja, aos pés do mesmo altar! Ha vinte e cinco anos no exílio, vítimas da perseguição imperialista. Hoje de novo no exílio, vítimas da perseguição dos jacobinos da terceira República...
A cerimónia foi muito simples.

O serviço religioso consistiu numa missa, que não durou meia hora; e foi ditu pelo mesmo abade Morley, o venerando sacerdote que outrora dera a bênção nupcial aos augustos esposos.

Houve depois um almoço íntimo em Sheen-House. E em seguida um garden-party, durante a qual o conde e a condessa de Paris receberam as felicitações não só da alta sociedade inglesa, mas das francesas que foram expressamente de França levar-lhes as felicitações do seu grande partido político.

O príncipe e a princesa de Galles, acompanhados de seus filhos e d'outros membros da família real inglesa vieram cumprimentar os augustos esposos.

E n'essa festa estava representado o corpo diplomático pelos embaixadores e ministros dos soberanos ligados pelo sangue à casa de França. Portugal achava-se representado pelo nosso ministro em Londres, S. Ex. o sr. Dantas.

Os condes de Paris acham-se hoje tão ligados com Portugal, que tudo quanto lhes diga respeito deve ser visto com interesse por todos quantos leem a Ilustração.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — INDIAS NEERLANDÉZAS. — O KAMPONG JAVANEZ

Uma das curiosidades não somente da Exposição holandesa, mas de toda a Exposição, é sem dúvida alguma a aldeia (Kampong) javanesa que se encontra no fundo da Esplanada dos Invalidos.

Esta exposição particular foi organizada por Mr. Bernard que habita há 18 annos Java; e sob a direcção inteligente d'este artista e sabio etnógrafo a obra exposta não pode ser mais excelente.

Foi elle quem fez construir toda a aldeia, aju-
tando-lhe algumas construções indiana que lhe

pareceram mais caracteristicas e o Kampong foi de pois povoado com cerca de 60 pessoas, indigenas das montanhas de Pranger, nas Indias Neerlandézas. É um trecho da vida de 20 milhares de javaneses.

O aspecto que apresenta esta curiosa aldeia é extraordinaire!

Vemos logo ao começo a casa do Chefe, construída como todas as outras em bambu e cercada de modo que possa estar ao abrigo dos ataques das feras. Instalou-se ali o restaurante onde podemos provar os produtos d'aquellas regiões e os licores que nos são servidos por malaios vestidos de fato clássico.

Um pouco mais além temos uma casa ordinária onde vemos alguns chapéucos tecer largos e magníficos chapéus também em bambu; e depois a cozinha onde uma velha javaneza está cozendo arroz.

E por toda a aldeia cruzam-se os chinezes e os malaios. As mulheres javanesas vestem uma pequena bata, debaixo da qual se desenharam soberbas formas, e trazem o cabelo e a pele unctados com um óleo especial.

Mas a verdadeira maravilha de toda aquella aglomeração exótica é o teatro onde a orchestra composta de xylophones, de carrilhões de sinos e d'um violoncello primitivo, faz dançar as bailadeiras, authenticas bayadères que separam o obter com enorme trabalho do Príncipe do Pranger. Foi necessário empregar a força para arrancar aquelas quatro crentas que se veem no primeiro plano da nossa gravura, do hexágono onde o príncipe as tinha.

Todas elas são muito novas, verdadeira amostra d'uma civilização descomumida, e apparecem-nos cobertas de joias, vestidas d'estofos preciosos, de cores vivas e uma aureola de plumas em volta da cabeça. Dançam docemente, quasi como dança da ventosa das mulheres árabes, só som d'atlas melancólicas.



A ILLUSTRAÇÃO

E A EXPOSIÇÃO DE PARIS

Devemos prevenir o público de que nos é inteiramente impossível fazer uma nova edição dos poucos numeros que restam à venda nas livrarias de Portugal e do Brasil.

A extraordinaria procura que tem tido a Ilustração desde que começou a publicar todas as maravilhas da Exposição de Paris, — obriga-nos a aumentar de varios milhares de exemplares a nossa tiragem ordinaria. Mas o que não podemos, é fazer a recomposição de novos numeros, porque isso nos arrastaria a despesas enormíssimas.

Pontualmente só restará para venda os numeros que estiverem em poder dos srs. livreiros; e estes devem-se dirigir quanto antes aos nossos agentes gerais, no caso de ainda precisarmos de mais alguns numeros da Ilustração.

A nossa grande gravura representando uma VISTA GERAL DA EXPOSIÇÃO, obtém grande sucesso; e de Lisboa acabam de nos escrever para nos dizer que successo igual acolheu a ultima grande gravura, representando no seu conjunto nos seus detalhes a EXPOSIÇÃO COLONIAL.

Nunca nos proximos numeros da Ilustração vamos publicar outras gravuras não menos interessantes que as antecedentes. Represenremo-nos.

MISTAS DIVERSAS DA BASTILHA

d'esta famosa reconstituição da antiga Bastilha, do tempo de Luis XVI, e que constitui uma das curiosidades da Exposição de Paris.

Neste modo os nossos leitores escusam de dar-se ao incommodo d'uma viagem até Paris. Bastille a Ilustração para verem tudo quanto aqui se passa...



AS TORRES DO SILENCIO

(Phantasia oriental.)

ESTANDO Amir a cuidar das suas flores, no jardim, que dominava o panorama immenso da cidade cosmopolita, ISTANDO que na costa occidental da India representa o mais famoso emporio que o genio emprehendedor de uma raça soube levantar com os elementos collaboradores de todas as nacionalidades, via, a formosa parse, approximar-se num von hesitante e incerto, uma grande ave escrava, de pescoço estendido, movimentos de azas lassos e demorados, num gemor surdo que enchia da noitas dolentes a tranquillidade luminosa do espaço.

É alguma ave ferida do caçador, pensou ella condoida. Mas, ao vel-a approximarse com esforço reconheceu um abutre, e grande foi a sua surpresa.

Palavra ella agora precisamente sobre a sua cabeça; tentava o derradeiro esforço para continuar avante; mas evidentemente as forças faltavam-lhe e, liberando-se no espazo, por instantes, deixou-se cahir aos pés de Amir sobre um tufo de plantas relvosas, de azas abertas, o olhar agonizante, a cabeça pendida para o chão. Vista coberta de sangue, com as penas arrancadas, as carnes nos farrapos.

Amir gritou pela sua criada moura, que, correndo assustada por julgar em perigo a flor querida que de pequena criatura e que adorava sobre todas as coisas neste mundo, a veio encontrar curvada sobre o corpo do animal, entornando-lhe em cima, aos pequenos jactos, agua que forra buscar ao proximo lago do jardim, tendo feito como que uma concha vegetal da folha larga e verde de uma bananeira.

E a moura explicou à mensina, que tão admirada se mostrava, que aquela viera evidentemente alli parar fugida das Torres do Silencio.

E spontânea, no extremo do panorama que deante dos seus olhos se desenrolava, as seis grandes torres silenciosas, no alto de uma colina, emergindo de um tufo de palmeiras e arvores frondosas.

As torres do Silencio são o que, impropriamente, se chama o comiterio dos pais, o local funebre onde elles entregam os cadáveres de seus mortos, não à acção da terra, que converte o humano corpo num pasta infecta e informe para devorar; não à acção do fogo, elemento sagrado, objecto da sua adoração, segundo a formosissima tradição guebra; mas a voracidade insaciável das aves, que rapidamente transformam em elemtos da própria vida os despojos de quem fica, por essa forma, a viver, na vida d'esses tantos seres incumbidos de roubar a corrupção fatal, os nervos, o sangue, a carne dos que foram tão amados e estremecidos na terra.

Das Torres do Silencio viam de facto, foragida e accocada a pobre ave que, depois de uma luctu encarnizada, contra as prepações das companionheis, viu que ate entre as aves as hi, e bem cruéis as vezes appello para a fuga, querendo a sua sorte que podesse cahir exanim e sem aleitos, sob a protecção caridosa da gentil parsina, tão cheia de generosos sentimentos, quanto de beleza e formosura.

Momentos depois, sentiu-se reanimada; Amir ungira-a de remedios, e com as suas mãos a havia aconchegado a um canto dos seus aposentos, satisfeita de haver concorrido para aquella verdadeira resurreição.

No dia seguinte, quando, pela manhã, ella própria foi levar ao seu doente a refeição matinal, encontrou-o já de pé, caminhando a passos lentos à busca de sabida; abriu-lhe a porta do jardim e viu-o erguer o voo e pousar na primeira árvore do parque, com o aspecto satisfeito de quem se certificava de possuir de facto a liberdade. Ali permaneceu, porém quieto e silencioso. Amir mandou-lhe pôr de comer junto à árvore e seguiu-lhe durante o dia, com curiosidade, os movimentos.

O abutre esvoçou de árvore em árvore, percorreu o vasto parque, veio abaixo comer, desentrou-se no lago, esgaravau na terra, e à noite buscou o poiso conchegado da vespere.

Amir procurou afagá-lo, chama-lo a si, dar-lhe alimento com a propria mão, e tudo conseguiu sem o menor esforço.

Passou a ave a ser hospede efectivo da casa.

Era tocente a confiança que elle adquirira, e havia como que uma pontinha de malícia na insistência com que, de madrugada, à luz bruxuleante da lampada mourisca, suspensa da parede, elle penetrava de manso, no quarto onde Amir dormia, se aproximava do leito, e, de pescoco erguido, se quedava a contemplar o rosto angelical e sereno da sua protectora.

A noctívaga e maliciosa ave não causava admiração nenhuma as sumptuosidades da perfumada alcova, onde o sandalo e o amber punham no ambiente aromas estonteadores, e onde produziam a impressão de um verdadeiro sonho oriental as sumptuosidades do leito de laca, de bellas columnas torneadas, os cortinados de seda da Persia, as felpudas tecerias de Cashemir, os ricos vasos do Japão; sobre os bofetes os bronzes cincelados de Nepal, de Mordabad, as lacas de Kurnul; os cobres esmaltados de Tanjore e de Hyderabad, e sobre o tocador as philagras de Sindh e de Orissa, os braceletes, as pulseiras, os collares de Trichinopolis e de Cuttak, as perolas de Ceylão, as coralinas do Broach, as turquezas do Thibet, as saphiras de Colombo, as granadas de Bundelcund, os esmaltes de Rajputana! Nada disso a interessava, nada disse a surprehendia. Em passo vagaroso e subtil, approximava-se do leito, e, ora se aconchegava no chão, no tapete, junto às pequeninas sandalias bordadas ouro, e ressendendo a rosas; ora saltava sobre uns cochins sobrepostos no chão, e extasavâa-se na contemplação da maravilha-viva que sobressalha, deslumbrante, no meio de tantas maravilhas. Como o casto pudor da donzelha se não sobressalaria se soubesse que, altâ hora da noite, um olhar embêverido e terno profanava irreverente a sua virginal nudez?

Quando pela manhã descia ao jardim, e dava a volta ao parque, tinha um companheiro constante. Juntos percorriam as ruas ensaiadas, e lisas, torneavam os lagos onde o nenuphar abria o seu primeiro sorriso matinal; assistiam aos efeitos da luar nascente sobre as folhas multiformes, sobre as flores multícoras, que transformavam n'um verdadeiro paraíso vegetal todo o vesto recinto esplêndido, e parecia que os bambus fluctuantes, como grandes plumas aereas; que as musas de largas folhas aberias em forma de parasões; que as *cerberas* e as *plumeras* de bellas flores, grandes e brancas, pendentes como candelabros na extremidade dos rios ramos folhudos; que os tamarindos, as palmeiras, helicíformes, as *aroideas* de folhas gigantescas, a acacia *caesalpina*, os *myrtos*, as *euphorbias* espinhosas, os loureiros, os ietos magníficos; que as bellas trepadeiras, como o *calamus*, as *llanias*, as *orchideas*, as *thunbergias*, de grandes campanulas rosas; que todas essas hastes entrelacadas, correndo para o ar como serpentes, à busca de si + luz, que toda essa vegetação poderosa e luxuriante se vestia, todas as madrugadas, de novas galas e primores, para receber a fada, a deusa d'aquele eden magestoso.

Mais tarde Amir costumava subir à varanda do seu *bengalow*, aberta de todos os lados, so-

bre rendilhadas columnas de teca, e d'ahi desfrutava o esplêndido panorama da cidade, e o morear da enorme população de 650,000 almas, que em diversos sentidos cruzava as ruas, as praças, entrando em bazaras, nas reparticipações públicas, nas officinas de trabalho; parando a tratar dos seus negócios, em pleno largo, em altas vozes, e nas mais diversas e variadas linguagens.

Apesar de habituada, entreteinha-a aquelle multifórmido aspecto de cidade, que aos olhos do europeu produz o efeito d'um grande carnaval phantastico, mas que, mesmo para os que não encontram n'ella estranhos, tem uma infinitade de quadros, de scenas, de episódios, dignos de serem vistos e gosados.

Como n'um cosmorama eternamente mudável, ella via perpassar, na faixa quotidiana, os mais desencontrados trajos e typos, as mais complicadas formas de cercagens, de cavalgaduras, de meios de transporte: desde o carro orgival, puchado a zebras, com o toldo em forma de cupula ponteaguda, deixando ver entre os cortinados de seda o rosto acobreado d'uma dame hindu; desde o *landau* tirado a quatro, onde passa o governador da província e o *palanquin*, aos homens de genios, onde segue o banqueiro parse, atô o cavalo em que monta um oficial musulmano, ou o camello que vai carregado de provisões. Ora é a procissão vistosa de um rabab, com os seus elephantes ajaçados de pedraria e ouro, e uma brillante escolta de cypayos, de recurvos sabres reluzentes ao sol, e os ginetes arabigos, relinchando fremente; ora um cortejo nupcial com os grandes parsozes de purpura sacerdos no espelho, com as suas dansas de bailedeirus; o seu estralejar de foguetes que fazem revocar no azul miríades de pombos. Agora é um fakir que pede esmola; logo um domesticador de serpentes, que faz surgir de dentro de redondos estos de vime, ao som da sua gaita mágica, o coilo atroso da cobra capello; mais tarde os pleiotiqueros, que em plena ruas executam os mais divertidos exercícios funambuloscos. E assim se vê desfilar, desde o romper da manhã, até alta hora da noite, gente da mais diversa procedencia e dos mais diversos aspectos; acotovelando-se, no grande indiferença do trabalho ou do prazer, os brahamanes de Misore, os marathins do Dekan, os naires de Calicut, os christãos de Gôa, os bamiames de Dio, os drávidas de Pondichery e Madrasta, os mouros de Hyderabad, os montanheses de Assam ou do Hymalia, os mercadores de Benares, o escuro *toda ou o irilla* de Nilghiris, e o alvo e rosado europeu de todos as procedências; o malayo, o caçae, o chinéz, o americano, o judeu; todo o cosmo pitoresco emfim!

Emquanto Amir assistia, indolente e scismadora aquelle espetáculo, unico em todo universo, a ave amiga que levantava o voo até a varanda, entreteinha-se, pousada no beiral do telhado, ou no topo de uma árvore proxime, em desfiar com a sua voz rouvenha as gralhas e os miolhos que passavam de alto, ou em implicar, soltando gritos mais agudos, com a cegonha que, de perna no ar costumava dormitar no corujo do proximo minarete.

Um dia, não se viu na varanda a figura graciosa de Amir, com o busto apertado n'um *chal* de seda, e a ponta do panno bordada de ouro, graciosamente passada por sobre a cabeça canhão sobre o ombro direito. Encusado será dizer que também nesse dia se não ouvia a voz rouca e impudente do abutre, que toda a visibilidade conhecera.

Amir adoecera, prostrara-se no leito uma febre violentissima. No fim de oito dias todo o Bombaria chorava a morte da mais formosa e encantadora pargina que ao sol da India brotara, como uma flor rideante e sem rival.

Eram no dia seguinte os funerais. Envolta n'um alvo lençol, tão alvo como a innocencia

do formoso espírito que se evolára para o azul, e estendida sobre um singelo esquife, que mãos piedosas haviam coberto de flores, uma longa fileira de amigos e parentes, todos vestidos de branco, subia por entre massões d'árvores, à clara luz matinal, a encosta que conduz ás Torres do Silencio, acompanhando o adorado penhor. Quem repousasse sobre as suas cabeças, teria visto passar momentos antes, bem alto, na serena limpidez do espaço um vulto escuro, dirigido ao cume onde alvejavam os funerários Dakhmas.

Esconçarou-se o portal d'uma das torres; lá dentro, no diâmetro de 20 metros, abria-se ao meio uma grande fossa hiatante, carregada d'ossos; — aos lados, e em volta, em tres círculos do *Inferno* de Dante, nichos resguardados no sentido do raiô, como esquifes naturaes. Por cima da grande muralha cylindrica, aberta para o azul, revendas imensas de aves de presa, n'um rouquejar sinistro. Os guardas do funbre reincidente, envoltos na sua tunica branca, vieram á entrada receber o cadáver que, acompanhado dos Sacerdotes, e no som da soturna melopeia que memorava as virtudes do espírito que deixava a terra, e o encomendava no seio luminoso do Grande Sr., foi collocado n'um dos nichos do círculo central.

De um jacto, dezenas de abutres e de corvos haviam avançado quasi até á cabeça dos circumstantes, retrocedendo de prémio n'uma algarazza terrível.

Quando a mão de um Sacerdote arrancou de sobre o cadáver a alvincente mortalha, apparecia estendido na terra, na sua mais pura e virginal belleza, o corpo de Amir, que a morte cobrira de uma pollides mormoreia, e que, junto a um montão de ossadas, parecia a estatua de uma virgem, tulhada em porfiro, e collocada sobre o seu tumulo modesto, no desmantelamento de um cemiterio.

Callaram-se os psalmos funebres; passos va-garosos regressaram até á porta.

Estranho espetáculo se desenrolou então ao olhar dos que de longe a elle puderam ainda assistir, cheios de supersticioso terror.

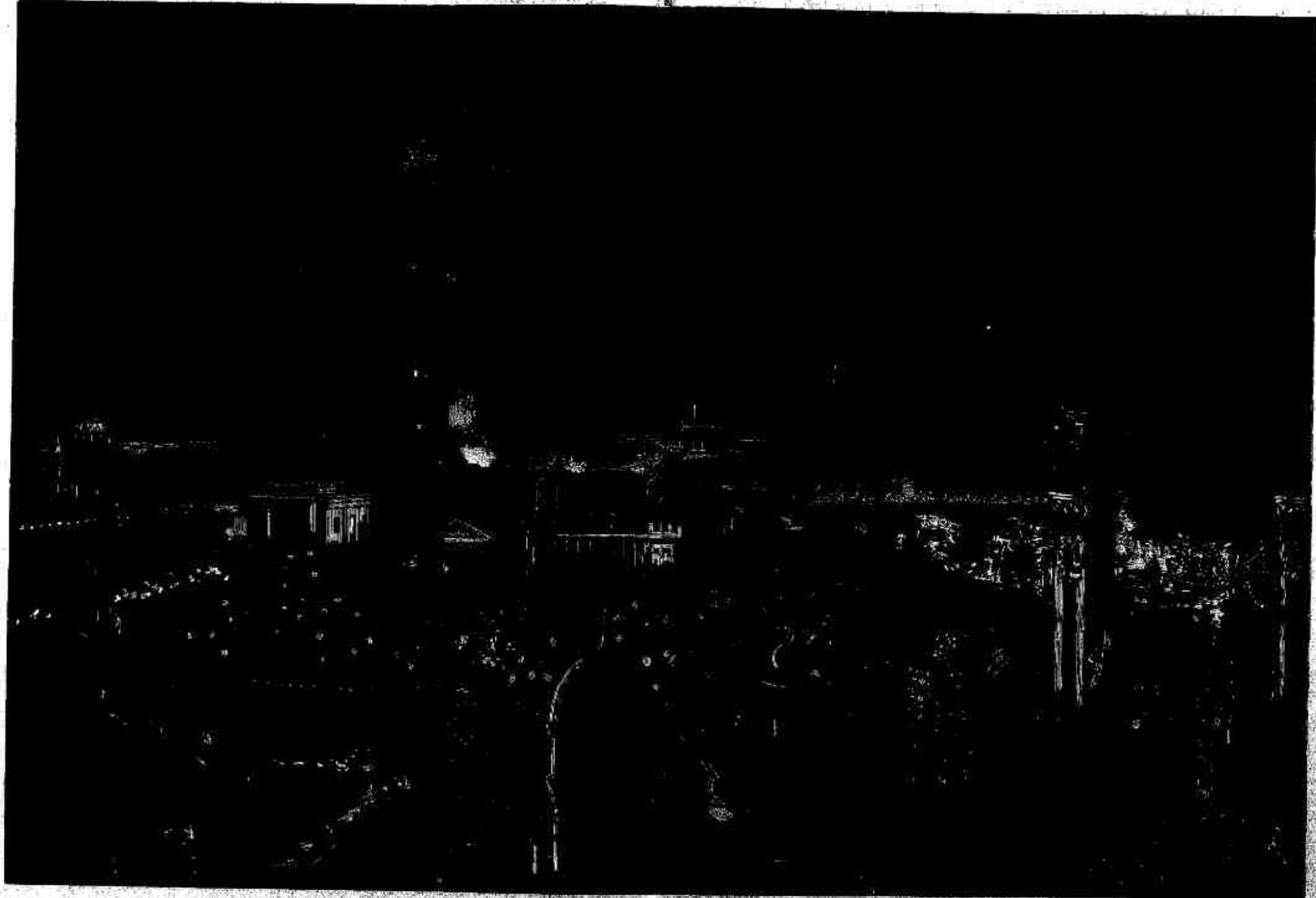
Sobre o cadáver de Amir travara-se a mais tremenda luta; — à voracidade de centenas de aves de rapina oppunha-se a energica e desesperada resistencia de um abutre. Peito contra peito, garra contra garra, respondia, com a mais resoluta e prompta acção, ás investidas de um enorme bando faminto. As ríjas azas abertas eram a um tempo um sarrilho terrível, que abria em volta permanente clareira, e um escudo impenetravel que cobria, em todos os sentidos, o adorado cadáver. Quanto mais a desordenada invasão tolhia os movimentos, e embarracava a acção das investidas, maior era o triunfo do herólico defensor, que punzera já muitos fôra do combate, e guardava muitos outros em cauteloso respeito. Uma enorme nuvem escura e compacta remoinhava no espaço onde retinham os mais estridentes gritos de dor e desespero.

Mas a luta não podia durar muito; o terrível Leonidas aereo sentiu faltarem-lhe arrancadas ás bicas das adversarios; pelo seu lado os golpes eram menos energicos, a resistencia mais fraca; um tenue fio de sangue, escorrendo-lhe do peito, ia tingir o corpo alvíssimo de relâmpago, que parecia adormecida em tão profundo sono, que nem aquella immensa tormenta a conseguia dispersar. Dir-se-ia até que em sonhos lhe era agradável aquelle espetáculo, pois que tinha esculpido nos labios a doce contracção d'um sorriso.

Ouvio-se então um grito de augustinia, viu-se a heroica ave libertar-se por instantes; depois, pendendo a cabeça, deixar-se cair, exhausta e sem vida, sobre o corpo de Amir, estendidas ao longo dela, como um derradeiro abrigo, as suas pobres azas, esfarapadas e gottejando sangue.

Só arrancando-a d'ahl, e lançando-a ao fosso,

A ILLUSTRAÇÃO



EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS — AS ILUMINAÇÕES DO CAMPO DE MARÉE E DO TROCADERO

onde iria tambem parar a esburgada ossada de Amir, é que as aves carniceiras puderam entregar-se no seu funebre repasto.

O sol glorioso, indiferente e mudo, assistia do zenith ao final da extraordinaria tragedia!

CHRISTOVÃO AVRES.

PARAPHRASE DE BAUDELAIRE

*Assim! Quero sentir sobre a minha cabeça
O peso d'essa noite embalsamada e espessa...
Que suave calor, que voluptua divina
As carnes me peneira e os nervos me dominam!
Ah! deixá-me aspirar indefinidamente!
Este aroma subtil, este perfume ardente!
Deixa-me adormecer envolto em teus cabelos!...
Quero sentir-as, quero aspirá-las, sorvê-las,
E n'elles mergulhar laicamente a meu rosto,
Como quem vem de longe, e lá havia do sul posto,
Acha-a um canto de estrada num vauçando pura.
Dnde mitigar arisco a sede que o tortura...
Quero tolhar os mados, e agitá-las, cautelando,
Como a um leão, pelo ar saudades espalhando...
Ah! se pudesse ver tudo o que n'elles via!...
— Meu desvariado amor! meu insano desejo!...*

Tens cabelos contém uma visão completa:
— Largas águas, movendo a superfície inquieta,
Cheia de um turbilho de velas e de mastros.
Sob o clarão dacet palpitante das astros.
Cava-se o mar rugindo, ao peso dos navios
De todas as nações e todas as feitios,
Desenvolvendo no alto as flamulas do vento,
E recordando o aúl do tempo firmamento.
Sob o qual há uma eterna, uma infinita calma.

E prevé meu olhar e presente minh'alma
Longe, — onde mais profundo e mais apai, se arqueia
O céu, onde há mais inf e onde a atmosfera, cheia
De átomos, ao repouso e ao disagor convida, —
Um país encantado, uma região querida,
Proteja, sorrindo ao sol, entre fructos e flores:
— Terra santa da luz, do sonho e dos amores;
Terra que nunca vi, terra que não existe,
Mas da qual, entretanto, eu, desdovendo e triste,
Sinto no coração, raiado de anciedade,
Uma saudade eterna, Uma fatal saudade!
Minha pátria ideal! Eu vão extendo os braços
Para teu lado! Eu vão para tu lado os passos
Moço! Eu vão! Nunca mais em teu seio adorando
Poderei reposar meu corpo fatigado...
Nunca mais! nunca mais!...

Sobre a minha cabeça,
Querida! abre essa noite embalsamada e espessa!
Desdobra sobre mim os teus negros cabelos!
Quero, sofrido e louco, aspirá-las, mordel-las,
E, bebedo de amor, o seu peso sentindo,
N'elles dormir envolto e ser feliz dormindo...
Ah! se pudesse ver tudo o que n'elles veja!
Meu desvariado amor! meu insano desejo!

OLAVO BILAC.



ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

PRIMEIRA DOR

Tão pequenina, já sou
N'este deserto orfaninha,
Porque da terra voou
A minha santa madrinha...

Quem para o Céu a chamou
Foi dos anjos a Rainha;
Ela era um anjo... abalou
Deixando-me aqui sózinha!

Mas não fiquei sem ninguem,
Que ainda tenho os carinhos
Da minha adorada mãe...

E por estes maus caminhos
Háde guitar-me os passinhos,
Porque ella... é um anjo tambem!

M. DUARTE D'ALMEIDA.



A QUIILLO ALÉMI...

(PÁGINA D'UM ROMANCE)

NESSA mesma manhã, um velho fôróa encontrado sem acordo, no fundo da escada, d'um casinholo decrepito. Quem deu por isso foi a sr. Ignacia, engomadeira do segundo andar: viu aquele vulto tombado, para ali ao desamparo, e foi logo chamar a polícia. Juntou-se gente que la passando: os moços de padelhos, de calça branca, depozaram logo os grandes cabazes; algumas velhas do lenço engomado, todas secas, de peito concavo, grandes esgares admirativos, d'uma benticate paleta, comemoraram o desastre chilando casos; um sacristão, de ova vermeija, distillando rape de nariz, uma corcova histriônica, tomou o pulso ao pobre homem. Muitos diziam:

— Estás pronto! E uma parteira nervosa, de carepuça de fitas verdes, cheia de catarro e de birra, metia-se pelo meio dos grupos, pomposa na sua sentença:

— Bendito seja Deus; o que a gente é!...

O trinta e cinco da primeira esquadra, chegou com quatro gallegos, que carregavam uma maca. Dois d'elles, pegaram no pobre homem, estenderam-o no leito. Ergueram a tampa da maca, e correndo as cortinas de oleado preto, cebento, deixaram-no empacotado. Depois o embrulho foi erguido nos homens. O trinta e cinco, disse:

— Vamos depressa! E caminharam para o hospital.

Era domingo, no hinverno, de manhã. Seguiram por grandes ruas, alegres do sol. Via-se o ar lavado pelas grandes chuvas da noite, desenrolar-se fresco, enorme, cheio de uma transparencia lucida, por cima das casas. Acima dos tectos pardos, esburacados, de águas furtadas, luxentes de claras-boias, as chaminés estendiam o seu pescoço avido, curioso, como a esperitar os horizontes distantes, em que appareciam, numa delineação excentrica, os perfis acumulados dos casarios, dos baliros velhos; as manchas verdes de quintas burgueses; os coracheus atarracados das parochias; pedaços de rio verdeto, inquieto, turvo das enxurradas da estação; as ruinas pardas, cheias de raizes e de limos; o Carmo; Santa Engracia como uma boceta velha, do amendoado; S. Vicente cujas torres lembram montes de bilhas encravadas num caixote de despejos; a Sé, informe, suja, torreada, como uma fortaleza medieval. Nas ruas fervilhava o rumor das carruagens; as lojas abertas estendiam até às portas os seus mosaicos de fazendas, de manteletes, de chapéus da moda. Nas esquinas os cartuzes sobrepostos e rotos em varios sitios, faziam a crónica dos espectáculos da semana. Num quadro negro, à esquina, uma mulher pinnada, enfiava o gasganete pela curva dum S enorme, dizendo com o gesto, a incomparável superioridade da máquina Singer, sobre qualquer outra, iam e vinham os grupos de pessoas garridas, endo mingadas. No meio d'esta vida silegre, a maca passou como um agouro, pelo Rocio. Do lado do Mattos Moreira, sobre o passeio, caminhava um formigueiro de famílias elegantes, de meninas esganicadas, de gordas proprietárias vagarosas. As lojas de luveiro enchiham-se de freguezes. Os janotas, armados de bengalões, cheios de tédios e de azia, exhibiam no meio da concorrência, os seus cheviotes riscados, tendo sobre a boca, com um til sobre um O, os bigodes acerados, pequenos, vagamente patetas.

Sahia gente de S. Domingos, da misa do meio dia, às ondas, que vinham espalhar-se no largo, até à grade. As sombrinhas azuis das, cedras e das adelas, remendavam a cór escuro dos fatos dos burgueses; um velho, amachucado de bebedeiras, com um bonet de cavalaria 5 na cabeça, um cesto ignobil aos pés, oferecia *quentes e boas*, aos garotos. Viam-se tipos regulados de comerciantes por medo, de cujas panas, escorriam sob a luz, grandes cadeias de relógio, gesticular com enfase, na pastelaria, fallando das loucuras da governação. E na vitrine da loja, em proto da China, monstros de dôce, surprehendidos, fulvos de gemma de ovo, abriam as suas queixadas de cartonagem, cheias de dentes de amendoim e de pedacinhos de cidra.

Entre aqua de Colonia, o namoro dos asplantes serapintados, cheios de delicadezas posticas, oferecia um alto tom de pelinrice, que perturbava as creaçoes românticas, enfarinhadas de devaneio, ressequidas de fatalidade — a Ponson. A maca ia já trepando o Calçada do Garcia, cheia de sombra humida e cheiros a sopa de massa. As altas casas, desfeitas, bocejantes, de *menages operarios*, um aspecto de sepulcros, enchiham os rostos de tristeza e de frio. As lojas esfureladas, deixavam sahir pa-lestras vazias, descantes enfarrados de culpa, risos solitários de falmintos.

Entraram em S. José pela porta principal. Recebeu-os um guarda-pório gigantesco, vestido de azul, banda ao tiracollo, perfil de condelheiro grave, importante na sua cadeira.

— E um velho que vem para o hospital, disseram-lhe.

Ele apontou para o segundo pateo, um caminho entre duas balisas de buro, cortado á zeoura. A esquerda, derrui vagarosamente a igreja do velho collegio, forrada de marmores de cōres, em grandes almofadas salientes. As pequenas janelas das enfermarias rasgavam para all.

Um doldo, risonho, encanecido, pedia cigarinhos. A maca atravessou o pateo, penetrou uma porta larga, fizeram-a entrar á esquerda, por uma porta de vidraça. Abi, um guarda interrogo.

— E um velho que vem para o hospital, responderam.

A maca pousou, tiraram-lhe a tampa; o guarda portão curvou-se um pouco, para olhar. O velho não tornara a si: a mesma rigida postura. A pele macilenta, revestiu-lhe, repuxada nas salinças dos moliare, a cara encovada, dura, de um desenho cheio de angustia. Tinha as orelhas negras, fundas, a palpebra flacida, imóvel, riscada de veios arroxados. O fato cançado, esfíava; havia buracos. E mal cubertos pelo chapéu tombado, os cabellos brancos sahiam, como linho em estriga.

Passava um moço canturando o fado.

— Chame o sr. doutor de serviço, disse-lhe o guarda portão. Do extremo do corredor, grandes risadas cabiam, sobre aquella scena. Alguem assobiava a walsa dos Sinos.

Emfim o medico chegou, de bonet de seda preta, entre dois outros personagens.

— Como se chama o docente? fez elle.

— Acham-o na rua cuihido.

— Ha quanto tempo? — E cantarolava, distraido com um charuto na boca.

— Ha uma hora. O medico escrevia n'uma papelete, os dizeres de convenção. E curvou-se em seguida, sobre o pobre, esteve a examinal-o um momento.

— Pulus, mal se sente. Ora veja, doutor. Que definida organisaçao! O mais alto dos outros dous examinou.

— Descubram-lhe o peito, ordenou o doutor. Os moços da enfermaria obedeceram. O medico auscultava.

— Bem, tornou elle, levem-no à enfermaria. Ac... Ha caias vagas, Patrício?

— Ha tres, sr. doutor.

— Vamos, carreguem-no. E dirigindo-se a um dos que o acompanhavam:

— Pois meu caro, tenho a certeza de que a eleição não vai ser favorável ao governo. Trabalha-se activamente; afianço-lho. E por mais que façam, os regeneradores...

— Engana-se, engana-se completamente. E as vozes afastavam-se. No entanto, dois moços, de blusas de riscado com galões amarelos, tormaram a maca e foram levá-la à enfermaria, enquanto o trinta e cinco da primeira esparrava com os gallegos. Era n'uma enfermaria alta, de grande pé direito, com duas filas de arcos, ao comprido. E cheirava a tudo: a carne assada, a císter e a mortos.

Na linha media do solo, dois grandes fogões aqueciam o ar; d'um lado e outro, as janelas caídas na profunda parada permitiam entrar a luz claramente, envolver as longas fileiras de pequenos leitos de ferro, de meias toscas de pinhos pintadas de verde, com uma disposição monotoniosa, triste, cheia de nudez. E sobre as almofadas de cada leito, as cabeças desfiguradas inclinavam-se, e rostos lívidos de febre, dilatados de sofrimento, olhavam estranhamente em torno, sentindo-se sós, no meio de tanta gente desconhecida.

Era a hora do almoço. Os ajudantes de enfermeiro traziam para o centro da enfermaria, grandes taboleiros providos de refeições: um empregado conferia em voz baixa. Em seguida, os moços do hospital tiravam as chaves dos caldos, começavam a distribuir, à vista das papeletas penduradas à cabeceira de cada doença. Aquela hora permitiu-se a visita à enfermaria. Alguns hospitalados tinham ordem de se erguer, dar pequenos passos de cama para cama, pelo corredor. Outros recebiam visitas, da família, de velhos parentes dedicados. Viam-se as frontes dos convalescentes, iluminadas d'um ralo alegre. Um trabalhador, arrumado a uma bengala, chorava, beijando a filha. Mais longe, um velho ossudo, tipo de veterano, fumava o seu cuchimbo, sentado no leito, um capote velho de briche, o barrete branco que parecia um torrador de café, invertido. Iam e vinham, batendo as solas com ruído, um grande er de família, de poder, os da enfermaria, de avental, arregacados, o seu boné de oleado. A porta, dois estudantes, cheios de abandono, barbas em desleixo, sobrecascas graves, sujas, failavam d'um caso novo de clínica. E de quando em quando, um grito irado partia do fundo da enfermaria, fulis ameaças de morte, os convalescentes riem, comentando. Era alguém que resloucava com a febre. E ao canto, n'um leito pequeno, caído como morto, o *denteiro*, jazia. O enfermeiro colava-lhe causticos na nuca, pelas pernas. Um ajudante trazia gelo, n'uma botella.

Chegaram mais estudantes.

— Diz-me uma cousa, ô Freitas.
— Que é? cigarros não tenho, filho.
— Ha algum cadáver no anfiteatro?
— Um diabo d'uma velha torrada. Não correi: era ossos.
— Mais nada?
— Mais nada. E voltando-se para o outro:
— Sabes tu que isto vai o diabo? Não morre ninguém com grito, e eu com duas lições astradas! Raíos partam os docentes!

Um enfermeiro antigo passava: via-se o seu perfil aduncio e cruel, cortado n'uma linha sarcástica; as orelhas despedigadas dos rochedos faziam como duas ásas de cartilagem na ovalação do crânio; olhava com umas pupilas glaucomas de cobarde espesinhas, e um meio riso contínuo e roxo, fazia-lhe um golpe profundo na epiderme engelhada da cara angulosa e cínica. O enfermeiro voltou-se ouvindo a praga de Freitas. E apôz:

— Amanhã tomos carne fresca. Entrou agora.

— Sim? fez o outro. Onde está?

O enfermeiro estendeu o braço cabelludo e

semi-nú, e com um dedo ignobil apontou o leito do canto:

— E aquillo além!...

Aquillo, era o velho encontrado sem acordo pela engomadeira do segundo andar.

FIALHO D'ALMEIDA.



A TAÇA

*Tudo quanto apanhára a phantasia
Num impeto de fogo, de repente;
Tudo o que o genio ousado, omnipotente,
Do bello eterno arrebataba, cria;*

*N'un turbilhão de brilhos, n'uma orgia
De facetas criando um sol nascente,
Achas lavrado em ouro, em pedraria,
Na dadiva real, na taça ardente.*

*Possam teus labios finos e sequiosos
Tocar-a sempre de prægues cheia,
Sempre da vida a transbordar a calma.*

*Nunca lhe chegue a desventura atea
Aos espluentes vinhos capitóos
— A's alegrias, — o champange da alma.*

RANDOLPHO FABRINO.

NOSTALGIA

*Eis Flora — a imperatriz, — eis von! e, della a volta
os subditos felizes pretes se acurram... Huius!
uma entr'aua fanfarra entra', em frente à escolta
de mil exectos, a nô os curvos e gaios fuxo...*

*Eis turbilhons a cõr, o brilho e o som, de envoia
Escrevem de perfume os ares cristalinos...
O sol o teigo argenteo ao poente, inclina e valia;
abreu sangue no espaco as raias resplendentes... .*

*E Flora, triumphal, no largo passa, em mola
das rubras ondas, enjô clangor em cheio
se arremessa no expto e vai os céus varanda...*

*E a flor de Nazareu, envolto o son fremente,
do alto flanado a terra, enxulta-se, silente,
e pâva o doce olhar, nostalgica, scimando...*

MANUEL DE MOURA.

A REVISTA DAS REVISTAS

O CURSO SUPERIOR DAS LETRAS

ENCONTRAMOS no nosso prezado college, o *Seculo de Lisboa*, o seguinte curiosíssimo artigo do nosso director Mariano Pina, acerca da nova reforma do Curso Superior de Lettres:

Com o mesmo assombro com que as mulheres batizam nos jornais as notícias das proezas londrinas de Jack, o estriptador, — li eu nos jornais que me chegaram de Lisboa a notícia da nova reforma do *Curso superior de Lettras*.

Segundo me informa o meu honrado *Diário de Notícias*, o sr. Ministro do Reino já apresentou ao parlamento o seu plano de reorganização do curso, que para o futuro se ficará chamando: — *Escola Superior de História, philosphia e lettras*. — E as cadeiras de que esta escola se ha de compôr, serão doze, a saber:

1.º Geographia e ethnologia geral;

2.º Estudo elementar de Sóskrito e gramática comparada;

3.º Língua e literatura grega;

4.º Língua e literatura latina;

5.º Língua e literaturas românicas, especialmente língua e literatura portuguesa e francesa;

6.º Língua e literaturas germanicas, especialmente língua e literatura alemã e inglesa;

7.º História antiga do Oriente e história dos gregos e dos romanos;

8.º História da idade media e moderna;

9.º História patria;

10.º Philosphia geral;

11.º Psychologia e ciência da educação;

12.º Philosophia da historia.

Leram tudo!... Leram bem!... Queriam agora ter a bondade de referir, como eu relli, uma, duas e três vezes, essa nova reorganização do curso, e digam-me se não ha de ser tão inúll e tão prejudicial, áspero duas ou tres cadeiras, a Escola futura, como era o Curso que o sr. Ministro usava de transformar...

Du transformar, para quê?... Para fazer professores?... De que serve então a Universidade de Coimbra?

Para fazer burocratas?... Onde estão então, n'essas doce cadeiras, as cadeiras de organização e matérias administrativas; de sistema financeiro dos diferentes Estados; de estatística, ou de economia política?...

Para fazer diplomatas?... Onde estão então as cadeiras da história diplomática; do direito dos gentios; do direito internacional convencional; de legislação comercial e marítima comparada; ou de direito constitucional?...

Para fazer archivistas e conservadores de bibliotecas?... Então já alguém viu reorganizar uma escola, dar-lhe um título pomposo, para preparar alumnos para uma carreira, que não dispõe d'uma totalidade de vinte e quatro lugares?... Quantas bibliotecas tem o meu país?... Quantos archivistas e conservadores existem em Portugal?...

Para fazer sócios correspondentes da Academia Real das Ciências de Lisboa?... Para isso basta que os candidatos tenham salido reprovados em exame de instrução primária!...

* * *

Para que vão então servir a nova reorganização e mais as doze cadeiras do Curso superior de lettras?... Para fazer pedantes?...

Fala-se todos os dias na nossa decadência social; os jornais lamentam-se; lamentam-se os ponentes, lamentam-se os legisladores, lamentam-se os ministros; toda a gente finge que se lamenta da decadência social a que chegámos... E ninguém tem a coragem ou a sinceridade bastante para dizer que essa decadência a devemos única e simplesmente a todos os homens que tecem passado pelo ministerio do Reino, porque só tiveram olhos e ouvidos para planos de batallas eleitorais, nem importaram absolutamente nada com a instrução em Portugal...

Todos!... Não ha um só ex-ministro do Reino que não seja responsável d'essa decadência social a que chegámos!

Dos estabelecimentos d'instrução que ha hoje em Portugal (se excluirmos apenas as escolas de medicina) não sae por anno um único homem *homem livre*? Toda a organização escolar e universitária está feita de modo a tornar dependente da protecção e do carídio do Estado e individuo que tiver concluído um curso qualquer... E como o Estado são os ministros, os ministros conquistaram pela fome, ascendendo do Terreiro do Paço com um jugar de amanuense, a todos quantos, sabidos dos cursos superiores, podiam ser úteis ao seu paiz.

Só o Estado em Portugal pôde ter loja aberta é privilegio de venda d'instrução. Quer dizer: o Estado que se arranja o direito de mandar a todos os portugueses os elementos de instrução indispensáveis para cada português viver. E o que sucede?... E que se eu quisesse viver dos elementos d'instrução que recebi, e que muitas puses pagaram bem caro, durante sete annos, no lyceu nacional de Lisboa, ha muito que eu estaria apodrecendo, de manha de alpraca, no fundo d'uma cellule de Terreiro do Paço.

A mocidade portuguesa, apenas entra para os lycées, começa logo a olhar para o Estado, que é a pessoa invísivel e caridosa que faz viver todo a gente com as suas esmolinhas. Os lycées e Coimbra só forjam amanuenses. E o exercito é sócio em Portugal uma variante de burocracia. A prairia alferes passou a ser synonymo de amanuense; e um director geral, entre nós serve para tanto como um general!... O militarismo é um modo de vida, um arraço, pela simples razão de que no militarismo não ha nem trabalho, nem responsabilidades, nem disciplina, nem riscos.

Em quanto em Portugal as peças d'artilleria só servem para tiros de polvera secca, bem vas a coisa... Mas que seja áminalha precisão fazer uma grande expedição militar a África, para garantir o que por lá temos ao abandono: — quantos militares decididos e educados hão de aparecer?...

* * *

Se excluirmos as escolas de medicina e a escola naval — de todas as outras escolas superiores só nascem amanuenses, mais ou menos distorcidos com os títulos pomposos de alferes, engenheiros, advogados, condutores d'obras públicas, etc., etc.,

Nestas circunstancias o Curso Superior devia ser em Lisboa, não a nova inutilidade a que vai ser, — mas a única escola do país onde se dêssse uma educação inteligente, moderna e prática, à mocidade portuguesa.

A nossa burocracia, que é ignorantissima, devia ali encontrar o germe da sua reforma. Todos os bacalhais que pretendessem seguir a carreira burocratica, deviam ali seguir um "curso" de organização e matérias administrativas; de sistema financeiro dos diferentes Estados; de estatística, de economia política, de direito constitucional, de história parlamentar e legislativa; de



AS BODAS DE PRATA DO CONDE E DA CONDESSA DE PARIS. — ASPECTO DE SORTE NOITE D'ESTA A GARDEN-PARTY E DE 30 DE MAIO.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — INDIAS NEERLANDEZAS. — DANCARINAS DA ILHA DE JAVA.

direito internacional; do rendimento público e dos impostos, etc...

O nosso país vive hoje politicamente, à fraca da Europa, da sua tradição e importância coloniais. Ora em vez das nossas colónias, seriam o último recurso dos imóveis ou das infelizes, devia-se tratar de mandar para lá funcionários ilustrados, subditos dum Curso Superior, onde tivessem estudado a geografia económica e geografia colonial; os diversos sistemas coloniais; a história das relações dos Estados europeus, com a África e o Extremo-oriental; finalmente, tudo quanto os habilitasse a compreenderem que coisa é realmente uma colónia, e porque é que a grandeza ou a decadência futura de Portugal estão unicamente dependentes dos seus domínios na África e no Extremo-oriental...

Mas, em vez d'isto, que é porque todos aspiram, em vez d'uma educação, livre de todas as imundezias da tradição clássica; em vez d'uma educação que possa abrir horizontes à moçambique, instruindo-lhe o caminho da vida, e o modo como o homem pode ser independente, graças à educação que recebeu; em vez d'uma educação decente e honesta, ministrada em centro distante capital que tem a paixão de se julgar perfeita; vamos novamente culhar-nos especie de mandarim Mirançau; vamos de novo fabricar pedólatas; vamos obrigar a modicula a traduzir cantos de Homero, ou bióndios de discursos de Deinosthenes; ou, então a defender tóreas idiotas, onde se procura provar quem foi mais engenhoso e mais sardento, se Plauto, ou Terencio...

E, contra este conceitismo, contra esta rotina, contra este vergonha, que não todos os que animam a nossa terra nos devemos revoltar!

O militarismo e a burocracia tem desmoronado e inutilizado gerações sucessivas de portugueses.

Finalmente se não declarar guerra, mas guerra sem trégua, a todos os conselhos superiores ou inferiores de instrução pública, à rotina das lycées e do Curso Superior de Letras, à vilaça da Universidade de Coimbra, a todos e a todos quinhilhões dirigentes ou indirectamente na instrução superior, não nunca poderemos resistir e dominar esta decadência que nos opprime, e que nos avulta aos olhos da Europa!

O nosso amado e o nosso grande inimigo — é essa falsa e nojenta instrução, que o Estado nos verde, por baixo de cheiro...

MARIANO PINA.

TSARINE **IPÓ DE ARROZ RUSSO**
Adubação, Sementes, Inseticida
Proprietário: MM. VIOLETT
129, Boulevard des Italiens, PARIS

A TRASFERGIA DOS VINHOS

Esta operação vinícola é das mais importantes para a boa conservação dos vinhos, principalmente depois das mesas de inverno.

O frio exerce uma influência especial sobre os vinhos; nadu lhes acrescenta nem tira, mas modifica-lhes as condições de meio em que se encontram as substâncias estranhas que contêm, permitindo, por tanto, que se forme um juizo mais seguro sobre ellos. O vinho não contém muitas matérias em suspensão que, por efeito do repouso e da baixa temperatura, formam bortas ou sedimentos que cairão fundo das pipas. Constituídas por matérias azotadas, albuminosas, fermentos e germâos nocivos, essas bortas condensam-se sob a influência do frio, tornando-se massas expulsas, e são precipitadas, arrastando consigo todas aquellas matérias diversamente prejudiciais. O vinho assim despojado, torna-se limpo e claro.

E conservar-se-á sempre nesse estado se a primavera e o verão não sucederem ao inverno. Com o calor, essas bortas põem-se em movimento, perdendo a coesão e deixam subir à massa do vinho esses fermentos nocivos que, anteriormente haviam arrastado, e que depressa se desenvolvem e alteram o vinho.

As trasfergias são o único meio de obstar a tão grave inconveniente.

Procede-se da seguinte forma:

1.º Por meio d'uma torneira colocada na parte inferior do tonel, passa-se o líquido para bolas, e dali trasfergase a cantaros para outro tonel por um funil posto no orifício do batoque.

2.º Por meio de syphões introduzindo um dos braços no tonel, que tem de ser trasfergado, e alguns contímetros acima do nível das bortas, enquanto o braço mais comprido lança o líquido na vasinha para que elle tem de passar.

3.º Por meio de bombas aspirantes e prenentes ou de rotação, com um tubo de couro ou de caoutchouc.

O primeiro sistema é deficiente, por ficar o vi-

nho em contacto muito directo com o ar ambiente que pode introduzir n'ele germens de doenças ou, pelo seu oxigénio, dar novo vigor aos fermentos.

Tornam-se preferíveis os outros dois sistemas. O vinho fica preservado durante a trasferga e não corre o risco de alterar-se mais tarde.

Qualquer que seja o processo adoptado para as trasfergas, é indispensável a máxima limpeza, sendo lavados com o maior cuidado todos os utensílios de que se faça uso.

As bombas, tubos, syphões e bolas devem ser lavados com agua e fervor para que desapareçam completamente todas as impurezas que teimadamente aderem a esses utensílios. Os tonéis devem achar-se igualmente em perfeito estado de conservação e limpeza.

Importa suspender o trabalho logo que se manifeste a mais leve alteração na limpeza do vinho, para evitar que se intruza no tonel a mínima gregaria de borras. Convém fazer sempre este trabalho em tempo seco e com vento forte porque, em tais condições, sente mais elevado a pressão atmosférica, a borra está mais densa e tam, por isso, menos facilmente em subir e misturar-se com o líquido. Isto nunca deve ser agitado, como igualmente convém mover as bombas com todo o vigor e cuidado; o contrário dariá lugar a grandes agitações do líquido que necessariamente o perturbariam.

A utilidade das trasfergas é reconhecida por todos os viticultores, que d'elles esperam sempre bons resultados; alguns porém, entendeem que o vinho, sobre essas borras, ganha vida e cor, o que é um erro. O vinho não adquire mais cor com trasferga, mas pode também afirmar-se que não a perde depois d'essa operação, enquanto que, permanecendo sobre as borras, há de perdê-la diariamente a ponto de apresentar uma diferença notável a par d'aquelle que foi convenientemente tratado.

Os vinhos trasfergados tem sempre mais procura,

OS CASSACOS NO VOLCA

Os cassacos, actualmente, o padiçalho da Inglaterra, começaram a ser temidos na Europa desde as campanhas de Napoleão I na Rússia, e desde que invadiram a França ás ordens do czar Alexandre.

Este poco singular habite as regiões do império russo confinantes com os domínios septentrionais da Turquia, Polónia e Lituária e com o meio-dia da Sibéria. A sua origem é obscura, tão obscura como a etymologüa do nome por que são conhecidos. Segundo alguns, deriva da palavra tartara kairos, que significa cavaleiros mercenários, armados à ligereira; quanto à sua origem, parece que provém da raça russa misturada com tartarus, ludmukas e ciganos, de que não deixam a menor dúvida a sua linguagem e práticas religiosas. A base do seu dialecto é o russo, possivelmente corrompido nos termos militares com palavras turcas e nos ferrenos com palavras polacas.

Pelo meado do século decimo-quinto os cassacos, conhecidos já pelas suas prácias militares, não tinham governo regular; nas occasões urgentes nomeavam um comandante, cuja autoridade cassava com as circunstâncias, que o fizesse feito eleger. No princípio do século imediato, um rei ou de inferior condição mas de estremelito valor fundou entre essas tribus rústicas, uma espécie de república militar regida por chefes electivos. Por esse tempo ainda não tinham a denominação de cassacos, e eram confundidos com os círcassianos. A história só faz menção d'elles com este nome em 1516, quando tomaram parte activa nos negócios da Polónia. Para desfazêr paizarem-se debaixo do protetorado dos monarcas d'este reino, que os organizaram a corporações regulares, e nestes intervinha fundaram colônias nos países que hoje ocupam. Alternativamente se submeteram a Russia, a Suécia, e ao Kan da Crimia, conforme os motivos de que cada qual tinha contra seus amos, e d'aquei se originaram encarregados, guerras e crígracos, tendo desse ultimo a mais notável e que fundou as tribus, chamadas hoje de Euxino. Por bem sujeitaram-se à Russia, que lhes concedeu a fruição pacífica das localidades onde residiam, e os isentos de tributos, mediante a obrigação de fornecerem certos contingentes para o exercito.

PRINCÍPIO DA VIDA

O problema de princípio da vida é de ordinário resolvido segundo a opinião que se adopta na ques-

tão da geracão espontânea. Esta maneira de proceder é meio errado; os partidários d'esta doutrina, não menos que os seus adversários, não chegaram ainda a resultados concluyentes, e as experiências mais delicadas nadam tecnicamente, quer se opere com matérias orgânicas, quer com elementos que não haviam feito parte ainda de moléculas orgânicas. Não se tem demonstrado nem a possibilidade, nem a impossibilidade da geracão espontânea; quem duvidar d'ella tem sempre motivos para isso suficientes. Se nadu se vê crescer, a causa do mau resultado é imputável ás próprias condições da experiência; no caso contrario, é que os germens, apesar de todas as precauções observadas, tem pernecido na infusão.

A opinião que se tem d'uma criação original, que duraria, ainda não passa d'um caso particular. Que cada um decide, conforme as suas viutas gerar sobre o todo da natureza.

Para todo aquelle que sustenta a opinião, — que o animado para directamente sair do inanimado, sem intermédio de antecessores, a origem da vida por esta via natural não sófre dificuldade alguma; mas convém provar, o que nunca se fez, que, nos nossos dias, não ha criacão original, e sem razão se concluiria que nenhuma a houve.

Logo que o nosso planeta chegou ao grau do seu desenvolvimento, em que a temperatura da superficie permitia a condensação da agua e a existencia de matérias albuminosoides, a quantificação e a relação dos elementos da atmosphera não eram as mesmas que hoje. Mil causes que nos escapam e de que seriam instar profundar a natureza hypothética, podiam provar a formação de protoplasmia, este organismo primitivo e decidir a aggregação dos atomos que o constituem.

É portanto impossível igualmente demonstrar por factos o começo subito da vida; mas a hypothesis da apparicão da vida por via natural n'uma época determinada do seu desenvolvimento, é uma necessidade lógica, longe de ser o ponto fraco da teoria da descendencia.

É citado o nome de um homem, Alfredo Russel Wallace, que certamente não está à altura de Darwin, mas que teve a gloria de descobrir, independentemente d'quelle, a lei de selecção natural, e, que Darwin fez aparecer o seu trabalho fundamental, confirmou a teoria da selecção por um grande numero de observações pessoais.

N'uma memoria publicada em 1845 demonstrou que a flora e a fauna dependem da situação geográfica e da constituição geológica do terreno, em que elles se desenvolvem; elle fez ver que estreitas relações ligam, no tempo e nas espécies actuais com as espécies extintas.

Num segundo trabalho, que tratou da tendência que manifestam as variedades em se afixar do tipo original que é datado de 1858, encontram-se alguns desenvolvimentos sobre a importancia do contributo pela existencia (*the struggle for existence*), as consequencias da adaptação e selecção dos caracteres mais úteis, e a substituição das espécies anteriores pelas variedades mais preciosas que se fixaram.

O GATO

Este elegante animal é oriundo do antigo Egypto, onde era venerado como um deus, e considerado lesto (isto é, extravagante!), risonho e ideal da beleza feminina. Os egípcios dedicavam seus filhos áo gato, como nós, costumamos consagrá-lo á Virgem. N'aquele país quem matava um destes animais sagrados era imediatamentelynched, como dizem os americanos. Os gregos e os romanos só muito tarde conheciam o gato, pelo menos como animal doméstico. Mais tarde, durante a noite da idade media, o gato conquistou na Europa uma reputação misteriosa e demoníaca.

E longa a lista dos amigos dogatudo, desde o divino Petrarca ate Clóvis Hugo. E isto nada tem de extraordinário logo que se considere que os felinos são os animais melhor dotados pela natureza para viverem na companhia do homem.

Dotados de um sentido de uma admirável acuidade, que lhes permite orientarem-se e achar facilmente o seu caminho, os gatos tem, apesar do que dizem os seus calumniadores, instintos meigos e asecuradores, juntes a um espírito astucioso e maligno por excellencia. Graciosos nos seus movimentos e suscetíveis de serem educados, apresentam a particularidade, raro na especie animal, de terem um certo gosto pela musica. Esta organização musical, acrescenta maliciosamente Perche-

ron, « persiste mesmo depois da morte do gato, porque as suas tripas servem para fazer os melhores primas de refeição. » Emfim, o gato possui uma physionomia muito expressiva e variada, que vários homens de espírito tem descripto nos seus intitulos pormenores.

Não seria possível referir aqui todos os rasgos da inteligência e do maliciu que se atribuem ao gato. Baremos, que elles bastam para lhevar este animal de todas as apreciações desfavoráveis. Carnívoro por excellencia, o gato é pouco adequado para correr por muito tempo, e apesar da sua extrema agilidade, prefere a dada quietoção do far mante, quando coupa alguma a obriga a correr. Tropa de arvores e mato com a maxima perfeição. Emfim, o gato, & como todos sabem, de um aseio exquisito. Alphonse Kurr já disse a este respeito, se bem nos recordamos:

« Ha tres animaes muito demorados em fazer a sua toilette: os gatos, as moscas e as mulheres. »

Se o gato tem pelas reservatórios de curvão uma predilecção incontestável, sabe-o emfim, donas de casa, que tanto os censurava por este motivo, e por que descobriu muito antes dos nossos sabios, as propriedades desinfectantes do curvão.

O gato, basta vê-lo saltar, possue em alto grau o sentimento das distâncias; essencialmente brigão e atrevido, é muito sensivel ás caricias. Se, como diz Rivalol, « não nos acaricia, mas simplesmente « acaricia comosso, » e porque percebe que gostamos de ouvir o seu agradável ronron.

A classificação dos gatos é muito longa. As raças selvagens, muita perigosas, desapareceram felizmente todos os dias, mercé do desenvolvimento da agricultura. Quanto as espécies domesticas, as principais são: o gato doméstico vulgar, o angora, o mein angora, o gato hispanhol, o gato de China, cuja carne é muito estimada na Asia; o gato sem cauda, o gato de Tobolsk, de Khorassan, do Caucasus, etc., etc. O gato existe também no estado fossil; é uma grande espécie estudada sobretudo por Cuvier, e que vivia nas cavernas.

Essencialmente carnívoro, o gato é muito guloso de ratos e de passaritos. No entanto, contenta-se com visceras de animaes, que é o alimento pouco

varindo que se lhe dá. Adora o peixe, o leite, etc. Detesta o assucar e a carne que não é fresca. Soberbo, é pouco sujeito ás indigestões. Os instintos genéticos são nos dois sexos muito desenvolvidos, e o amor internal é tão proverbial na gata como os seus outros amores, tão bem photographados por Endlio Zola na *Mimanche*, da *Jóie de vivre*.

Os gatos pequenitos são graciosos e muito brincalhões. Aos quinze meses são adultos, quando tem um anno de idade podem reproduzir-se. As doenças dos gatos são muito numerosas, mas estão ainda mal estudas.

O gato é sujeito a anginas por vezes graves, à anemia, devida ao mau uso das habitações, ás ophthalmas e ás pressões asthmáticas.

Sob este respeito, não tem o pubo animal que nos invejar. Observam-se n'ele congestões cerebrais, apoplexias, convulsões, coryza, disenterias, a phisica, o rachitismo, o escorbuto, a raiva, doenças de olhos, tumor e cancro.

O estudo de semelhantes enfermidades na espécie felina é indispensável para o progresso da medicina. Foi Buffon que o disse algures: — « Se não houvesse animaes, a natureza humana seria ainda mais incomprehensível. »

OS MILLIONARIOS

Todos os annos, os empregados de fazenda dos Estados Unidos, no recensear as declarações dos contribuintes para o pagamento das contribuições, organizam uma relação dos millionarios. Na relação confeccionada este anno, figura em primeiro lugar Jay Gould, com a bonita somma de 27000 contos de reis, e um mineiro de Nevada, que ha 20 annos andava descalço e coberto de enladrões, com 225.000.

Depois destes seguem-se os Astorgus, de New-York, com 180.000 contos; e os Vanderbilts, com 155.000.

O JORNALISMO EM HESPAÑA

Publicam-se actualmente em Hespanha, segundo uma estatística ha dias elaborada, 1161 jornaes, com uma tiragem de exemplares diarios 1.349.134.

D'estes 1161 jornaes, 370 são monarchicos, 104 republicanos, 22 carlistas, 237 scientificos e literarios, 113 religiosos, etc.

Os monarchicos circulam na razão de 5.137.000 exemplares, e os republicanos por 269.883.

UMA NOVA CIDADE

As noticias que chegam do Oklouma, o novo territorio nos Estados Unidos, aberto á colonisaçao, são surpreendentes.

O director geral dos correios em Washington recebeu aviso do director do correio de Gutkniss, capital do Oklouma, que alli se vende em media 76 libras de sellos; que os dezess empregados do correio trabalham das 5 horas da manhã á meia noite na classificação das matérias postas. O correio de Gutkniss distribue por dia cerca de 3.000 cartas e 1.000 jornaes. Emfim, como nota typica, n'aquella cidade, com dois meses de existencia, ja funcionam cinco bancos e publicam-se seis jornaes!

PARIS

30, RUE MONTLUCON, 75

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Opera, das principais casas de teatro, das livrarias e das casas comerciais das brancas e parques. Este hotel é dirigido pelo proprietario e sua familia. E o mais confortavel e pratico para viagens, festivais e passeios, em razão da facilidade de proximidade e das comodidades que oferece.

LAPINERIE

SABAO REAL | VELVETEEN | SABAO
DE THRIDACE | On the market | VELOUTINE
Decorated with authorized medallions for the Highs of Paris and Orleans la Côte.

O ELIXIR GREZ cura em poucos dias das doenças de estomago, digestões difíceis, diarréias, e vomitos. Este preparado — diz um ilustre médico dos hospitales — preenche uma lacuna da therapeutica nas doenças do estomago.

FERRO QUEVENNE

Banco apertado pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS, em: Anemia, Pobreza do Sangue, Fluxo

50 ANOS

branco, perdas, Inspe e Sello da UNIÃO DOS FABRICANTES - 14, rues Beaux-Arts, PARIS e Ph

da SUCESSO



OLEO DE HOGG

de PIQUADO FRESCO de BACALHAU

NATURAL e MEDICINAL

Recetado desde 40 ANOS, em França, Inglaterra, Hispania, Portugal, Brasil, Republica Hispano-Americanas, pelos primeiros medicos do mundo, contra as Molestias do Peito, Tesso, Crimacas franzinhas, Tomores, Irrigações da Pelle, Passadas fracas, Flores brancas, etc. O Oleo de Bacalhau de HOGG é o unico rico em principios activos.

Todos sitema em frascos TRIANGULARES, Fechados com a Etiqueta Nella están do Estado Frances.

Falso Preço: 1.000, 1.200 Francas, PARIS

E EM TODAS AS PHARMACIAS

VERDADEIROS GRÃOS DE SAÚDE DO DR FRANCK

Apertos, Estomachicos, Parafusos, Reparativos, Cozinharia e Frutas de Appretado, Frutos do verão, Especiarias, Cozinharia, Gomos, etc. Nos Annais: 1, 2 e 3 annos, incluindo o tempo de convalescência, e este confeccionado por continuados exemplares, que o melhor dentre os de mundo. São produzidos para os mais infirmos.

Este medicamento é o que obtem mais extenso e maior sucesso o celebre EXTRACTUS DENTIFRICE DE W. R. P. P. BENEFICIOSAS DA LARVADA DE SOUAL. O mesmo contém todos os sítios ricos, esplendorosamente entre os de todos os dentes, uma grande e uma utilde perspectiva, as gengivas, uns frescos e limpos esse é um grande trabalho.

Agente geral: A. Seco, Bonnac.

Precio de cada un. Trango, Elise, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10 e 12 francos.

Precio de vinte em Frango Piso : 10, 25 e 30 francos.

Precio de vendura: Paris, Paris, 1, 2, 3, 4 e 5 francos.

Empregue em todos os perfumes, caldeirões, pharacaceuticos, drogarias, farmacias, etc., etc.

Oh! Tenho uns dentes magníficos

Quando pessoas qualificadas fazem reclamação de magníficos dentes de qualquer Região e quanto pesarem são sempre enviados ás terras de que falam.

Nada é mais perigoso que esta falso deudado de que as consequencias são sempre fatais e este falso empregado por continuados exemplares, que o melhor dentre os de mundo. São produzidos para os mais infirmos.

Este medicamento é o que obtem mais extenso e maior sucesso o celebre EXTRACTUS DENTIFRICE DE W. R. P. P. BENEFICIOSAS DA LARVADA DE SOUAL. O mesmo contém todos os sítios ricos, esplendorosamente entre os de todos os dentes, uma grande e uma utilde perspectiva, as gengivas, uns frescos e limpos esse é um grande trabalho.

Agente geral: A. Seco, Bonnac.

Precio de cada un. Trango, Elise, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10 e 12 francos.

Precio de vinte em Frango Piso : 10, 25 e 30 francos.

Precio de vendura: Paris, Paris, 1, 2, 3, 4 e 5 francos.

Empregue em todos os perfumes, caldeirões, pharacaceuticos, drogarias, farmacias, etc., etc.

CASA FUNDADA EM 1845. — 29, RUE SAINT-SULPICE, PARIS

BOUASSE-LEBEL

IMAGENS E OUTROS RELIGIOSOS

Candelabros em marfim ou bronce, Estatuas antropologicas, Relíquias de padres fieis, imagens em ouro, prata, Medalhas, etc. Medidas em ouro, prata, Medalhas, etc. Estatuas, etc. Imagens de santo. Visões em porcelana, — Kamikas de santo. — Visões em porcelana, — Tongens lisas, impressas ou pintadas em mosaico, — Photogomas e gravuras para mosaicos, etc.

Riquezas e variação infinita.

EXPOSITION UNI. 1878

Medalla d'Or COIX e THOMAS

LES PLUS HAUTS RECOMPENSES

OLEO DE QUINA E. COUDRAY

ESPECIALMENTE PRETENDIDO PARA A TERESA DO QUEDA

Recomendamos este produto, considerando para coleréticas medicas, pelos seus principios quinicos, como mais potente e seguro que se pode.

ARTIGOS RECOMENDADOS

PERFUMARIA DE LACTEINA

Produtos de talas, fabricadas belas, Gotas concentradas para a cara, AGUA DIVINA dita agua da saude.

ESTES ARTIGOS AGACHAM-SE NA FABRICA

PARIS 13, rue d'Englefield, 13 PARIS

Depostos em todos os Perfumerias, Farmacias e Cadilheraria da America.

ASTHMA E CATARRHO

Curdados COM OS CIGARROS ESPIC

Opressões, Toscas, Constipação, Excreções

Em Frasco, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000, 1200, 1400, 1600, 1800, 2000, 2200, 2400, 2600, 2800, 3000, 3200, 3400, 3600, 3800, 4000, 4200, 4400, 4600, 4800, 5000, 5200, 5400, 5600, 5800, 6000, 6200, 6400, 6600, 6800, 7000, 7200, 7400, 7600, 7800, 8000, 8200, 8400, 8600, 8800, 9000, 9200, 9400, 9600, 9800, 10000, 10200, 10400, 10600, 10800, 11000, 11200, 11400, 11600, 11800, 12000, 12200, 12400, 12600, 12800, 13000, 13200, 13400, 13600, 13800, 14000, 14200, 14400, 14600, 14800, 15000, 15200, 15400, 15600, 15800, 16000, 16200, 16400, 16600, 16800, 17000, 17200, 17400, 17600, 17800, 18000, 18200, 18400, 18600, 18800, 19000, 19200, 19400, 19600, 19800, 20000, 20200, 20400, 20600, 20800, 21000, 21200, 21400, 21600, 21800, 22000, 22200, 22400, 22600, 22800, 23000, 23200, 23400, 23600, 23800, 24000, 24200, 24400, 24600, 24800, 25000, 25200, 25400, 25600, 25800, 26000, 26200, 26400, 26600, 26800, 27000, 27200, 27400, 27600, 27800, 28000, 28200, 28400, 28600, 28800, 29000, 29200, 29400, 29600, 29800, 30000, 30200, 30400, 30600, 30800, 31000, 31200, 31400, 31600, 31800, 32000, 32200, 32400, 32600, 32800, 33000, 33200, 33400, 33600, 33800, 34000, 34200, 34400, 34600, 34800, 35000, 35200, 35400, 35600, 35800, 36000, 36200, 36400, 36600, 36800, 37000, 37200, 37400, 37600, 37800, 38000, 38200, 38400, 38600, 38800, 39000, 39200, 39400, 39600, 39800, 40000, 40200, 40400, 40600, 40800, 41000, 41200, 41400, 41600, 41800, 42000, 42200, 42400, 42600, 42800, 43000, 43200, 43400, 43600, 43800, 44000, 44200, 44400, 44600, 44800, 45000, 45200, 45400, 45600, 45800, 46000, 46200, 46400, 46600, 46800, 47000, 47200, 47400, 47600, 47800, 48000, 48200, 48400, 48600, 48800, 49000, 49200, 49400, 49600, 49800, 50000, 50200, 50400, 50600, 50800, 51000, 51200, 51400, 51600, 51800, 52000, 52200, 52400, 52600, 52800, 53000, 53200, 53400, 53600, 53800, 54000, 54200, 54400, 54600, 54800, 55000, 55200, 55400, 55600, 55800, 56000, 56200, 56400, 56600, 56800, 57000, 57200, 57400, 57600, 57800, 58000, 58200, 58400, 58600, 58800, 59000, 59200, 59400, 59600, 59800, 60000, 60200, 60400, 60600, 60800, 61000, 61200, 61400, 61600, 61800, 62000, 62200, 62400, 62600, 62800, 63000, 63200, 63400, 63600, 63800, 64000, 64200, 64400, 64600, 64800, 65000, 65200, 65400, 65600, 65800, 66000, 66200, 66400, 66600, 66800, 67000, 67200, 67400, 67600, 67800, 68000, 68200, 68400, 68600, 68800, 69000, 69200, 69400, 69600, 69800, 70000, 70200, 70400, 70600, 70800, 71000, 71200, 71400, 71600, 71800, 72000, 72200, 72400, 72600, 72800, 73000, 73200, 73400, 73600, 73800, 74000, 74200, 74400, 74600, 74800, 75000, 75200, 75400, 75600, 75800, 76000, 76200, 76400, 76600, 76800, 77000, 77200, 77400, 77600, 77800, 78000, 78200, 78400, 78600, 78800, 79000, 79200, 79400, 79600, 79800, 80000, 80200, 80400, 80600, 80800, 81000, 81200, 81400, 81600, 81800, 82000, 82200, 82400, 82600, 82800, 83000, 83200, 83400, 83600, 83800, 84000, 84200, 84400, 84600, 84800, 85000, 85200, 85400, 85600, 85800, 86000, 86200, 86400, 86600, 86800, 87000, 87200, 87400, 87600, 87800, 88000, 88200, 88400, 88600, 88800, 89000, 89200, 89400, 89600, 89800, 90000, 90200, 90400, 90600, 90800, 91000, 91200, 91400, 91600, 91800, 92000, 92200, 92400, 92600, 92800, 93000, 93200, 93400, 93600, 93800, 94000, 94200, 94400, 94600, 94800, 95000, 95200, 95400, 95600, 95800, 96000, 96200, 96400, 96600, 96800, 97000, 97200, 97400, 97600, 97800, 98000, 98200, 98400, 98600, 98800, 99000, 99200, 99400, 99600, 99800, 100000, 100200, 100400, 100600, 100800, 101000, 101200, 101400, 101600, 101800, 102000, 102200, 102400, 102600, 102800, 103000, 103200, 103400, 103600, 103800, 104000, 104200, 104400, 104600, 104800, 105000, 105200, 105400, 105600, 105800, 106000, 106200, 106400, 106600, 106800, 107000, 107200, 107400, 107600, 107800, 108000, 108200, 108400, 108600, 108800, 109000, 109200, 109400, 109600, 109800, 110000, 110200, 110400, 110600, 110800, 111000, 111200, 111400, 111600, 111800, 112000, 112200, 112400, 112600, 112800, 113000, 113200, 113400, 113600, 113800, 114000, 114200, 114400, 114600, 114800, 115000, 115200, 115400, 115600, 115800, 116000, 116200, 116400, 116600, 116800, 117000, 117200, 117400, 117600, 117800, 118000, 118200, 118400, 118600, 118800, 119000, 119200, 119400, 119600, 119800, 120000, 120200, 120400, 120600, 120800, 121000, 121200, 121400, 121600, 121800, 122000, 122200, 122400, 122600, 122800, 123000, 123200, 123400, 123600, 123800, 124000, 124200, 124400, 124600, 124800, 125000, 125200, 125400, 125600, 125800, 126000, 126200, 126400, 126600, 126800, 127000, 127200, 127400, 127600, 127800, 128000, 128200, 128400, 128600, 128800, 129000, 129200, 129400, 129600, 129800, 130000, 130200, 130400, 130600, 130800, 131000, 131200, 131400, 131600, 131800, 132000, 132200, 132400, 132600, 132800, 133000, 133200, 133400, 133600, 133800, 134000, 134200, 134400, 134600, 134800, 135000, 135200, 135400, 135600, 135800, 136000, 136200, 136400, 136600, 136800, 137000, 137200, 137400, 137600, 137800, 138000, 138200, 138400, 138600, 138800, 139000, 139200, 139400, 139600, 139800, 140000, 140200, 140400, 140600, 140800, 141000, 141200, 141400, 141600, 141800, 142000, 142200, 142400, 142600, 142800, 143000, 143200, 143400, 143600, 143800, 144000, 144200, 144400, 144600, 144800, 145000, 145200, 145400, 145600, 145800, 146000, 146200, 146400, 146600, 146800, 147000, 147200, 147400, 147600, 147800, 148000, 148200, 148400, 148600, 148800, 149000, 149200, 149400, 149600, 149800, 150000, 150200, 150400, 150600, 150800, 151000, 151200, 151400, 151600, 151800, 152000, 152200, 152400, 152600, 152800, 153000, 153200, 153400, 153600, 153800, 154000, 154200, 154400, 154600, 154800, 155000, 155200, 155400, 155600, 155800, 156000, 156200, 156400, 156600, 156800, 157000, 157200, 157400, 157600, 157800, 158000, 158200, 158400, 158600, 158800, 159000, 159200, 159400, 159600, 159800, 160000, 160200, 160400, 160600, 160800, 161000, 161200, 161400, 161600, 161800, 162000, 162200, 162400, 162600, 162800, 163000, 163200, 163400, 163600, 163800, 164000, 164200, 164400, 164600, 164800, 165000, 165200, 165400, 165600, 165800, 166000, 166200, 166400, 166600, 166800, 167000, 167200, 167400, 167600, 167800, 168000, 168200, 168400, 168600, 168800, 169000, 169200, 169400, 169600, 169800, 170000, 170200, 170400, 170600, 170800, 171000, 171200, 171400, 171600,



Vaccines



— 1 —

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — (SÉRIE NÚMEROS 1 A 10). — 100 francos cada uma.

GUERLAIN DE PARIS
15, rue de la Paix — ARTICLES RECOMMENDÉS

CHILOEAN DE PARIS
15- rue de la Paix — ARTICLES RECOMMENDADOS

Agua de Colonia Imperial.—*Saponetti*, sabonete de lencadores.—*Creme jacchino/Ambrosia! Cream*) para a barba.—*Cremedo chocolate* para amaciá-la pele.—*Paste Cypris* para matar moscas e outras culas.—*Stilettos* com sabor de cítrico, para o cabello e barba.—*Aqua A Therme* em esquis e *Lotion* para perfumar e limpar o cabelo.—*Water of Life* e *Water of Death*.—*Perfume de Cítrico* e *Hidrolato branco*.—*Espuma de Baño* de *Porto*.—*Imperial Balsam* e *Imperial Perfume*, para a barba.—*Aqua da Colonia Imperial Russa*.—*Agua do Cedro* é aquela de *Chlorophora*, ou lourenço, é aquela de *Acqua di Cedro*.

Interessante Descoberta Parisiense
DA PARFUMERIE-ORIZA
 de L. LEGRAND, 207, Rue St-Honoré, PARIS
 Remete-se
 franco o
 Catalogo-Bijou.
PERFUMES-ORIZA SOLIDIFICADOS
 12 PERFUMES
 DECICIOSOS
 Sob Forma de Lupas
 e Pastilhas
 Basta rogar levemente os objectos para
 perfumar-se instantaneamente.
 LISTA DOS PERFUMES CONCUBINOS:
 VIOLETTA DU Czar. Jockey-G. C. US Bouquet
 JASMIN D'ESPACHE. OPOONAH id.
 HELIOTROPE BLANCO. CAROLINE id.
 LILAS DE MAI. MIGHAROISE id.
 FOIN COUPE. IMPERATRICE id.
 ORIZA LYS. ORIZA-DERBY id.
 DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES
 A Trademark of the French Perfumery & Cosmetics Co.

*Em todos os Perfumistas e Cabelleireiros
da França e do Exterior*

A VELOUTINE Pé d'Antes
especial
PREPARADO COM MUSGUTTO
Por CH. FAY, Perfumista
9, rue de la Paix, PARIS

A circular label for 'BELLEZA DO ROSTO' cream. The word 'BELLEZA DO ROSTO' is written in large, bold, serif capital letters at the top. Below it, in smaller letters, is 'LAIT ANTEPHELIQUE'. At the bottom, the product name 'O LEITE ANTEPHELICO' is written in large, bold, serif capital letters. Below that, the text 'para ou maturado com agua, dissipa' is visible. The label features decorative scrollwork and floral motifs around the perimeter.

An advertisement for two businesses. The top part features a black and white illustration of a woman's head and shoulders, looking slightly to the right. To her left is a small decorative object. The word "OCCUPAÉ" is written in large, bold, capital letters across the top. Below it, smaller text reads "Um dos principais estabelecimentos de fabricação de CANTOS e RELEVOES de metalurgia. Desenvolve os nossos serviços para todos os objectos necessários para a madeira, pedra, argila, Mármore, ferro, alumínio e outros materiais. Batalha - Franca - Pernambuco. Ilustrado por Eusebio R. y de Fidélitas, Pernambuco." The bottom part of the advertisement features a large, stylized letter "A" containing the text "Casa De VERTUS Sœurs". Below this, the words "ESPARTILHOS" and "PARIS" are written in large, bold letters. To the right, the address "12, Rue Auber" is given.

LA CHARMERESSE

Pó refrigerante, o non plus ultus dos pés da helice. A composição abençoadamente usada no ponto de vista da hygiene, é non lucrativa, antiseptica e a sua perfeita aderencia fazem recomendar o seu uso para as peles delicadas. Refresca os pés, desfazendo as rugas, dá um rosto brilhante pulpa, agradável e elixira da canela e faz desaparecer como por encanto todos os imperfeições da pele, ressecada, secca, vermofílica, etc.) Para o bicho da noite, balle ou vaporização, colírio a CHAMARESSE CONCENTRADA e salvo de excesso, muito admostra. GRANDE NOVIDADE - DUSSEUR, inventado por J. J. Montrouge, n.º 1. Paris. - Em Lisboa: GODFREY, Rua Garrett, 11; BENARD, Rua Garrett, 16; ESTACIO & Cia, Praça D. Pedro (Ribeira); na grande libreria de Lisboa e de Paris.